

CALAMIDADE NO RS

Novo Hamburgo

Sem casa de bombas na Palmeira, não há previsão de volta para casa

Débora Ertel

debora.ertel@gruposinos.com.br

Com 32 mil pessoas atingidas, quase 5 mil em abrigos ligados à Prefeitura e outros milhares em abrigo de entidades e escolas, casas de amigos e parentes, Novo Hamburgo está diante de uma situação que preocupa ainda mais o Executivo municipal. Por um longo tempo, que ninguém sabe quanto será, moradores da Vila Palmeira não poderão voltar para casa. A situação foi compartilhada pela prefeita Fatima Daudt nesta terça-feira (7). A região do bairro Santo Afonso é o endereço de 12 mil hamburgueses.

Fatima, que detalhou o cenário à reportagem, detalha as razões da sua preocupação. “Mesmo que seque o rio, não posso trazer essas pessoas para cá (Vila Palmeira), pois o risco de inundar é grande”, declara. “O meu foco agora é mobilizar as equipes técnicas para conseguir recursos. A prefeitura não tem esse dinheiro. Nenhuma prefeitura tem”, diz.

Ocorre que a cheia histórica que devastou o Rio Grande do Sul e afetou mais de 1,4 milhão de gaúchos deixou dois grandes problemas na Vila Palmeira. O primeiro deles foi o dique que extravasou pelo lado de São Leopoldo, junto ao limite dos dois municípios. Aparentemente, cerca de 40 metros da estrutura, que é responsabilidade do governo federal, foi danificada. Os danos, porém, só poderão ser avaliados quando a água baixar.

O outro problema é a construção de uma nova casa de bombas no bairro Santo Afonso. E o Executivo hamburguense prevê muita dificuldade para resolver essa situação. Com as sete bombas danificadas, mesmo que o nível do Rio dos Sinos volte ao normal, os equipamentos não funcionarão mais. Sem bombeamento da água, o dique se torna uma barragem das águas do Arroio Gauchinho. Ou seja, não há mais como bombear água para o Rio dos Sinos, e toda a água que chega à Santo Afonso pelo Gauchinho ficará retida nesta região. Os reflexos também são previstos para a Vila Brás, em Leopoldo. Essa foi a situação que a prefeita trouxe à tona nesta terça-feira.



Imagem aérea mostra área rompida do dique, ao lado da casa de bombas submersa

Sem poder voltar para o bairro, o que vai acontecer

Diante desta situação, a prefeitura não tem ideia de quanto tempo será necessário para que a Vila Palmeira possa ter condições de receber seus moradores novamente. A certeza é que essa cifra é milionária para equacionar a situação. A Administração projeta que o mesmo quadro seja enfrentado por outras

cidades gaúchas.

Com os abrigos operando, a prefeita diz que se concentra em contatos com Brasília para que a verba da União chegue ao Município o mais rápido possível, com soluções que sejam capazes de dar início às melhorias necessárias.

Questionada se a saída imediata para atender aos

moradores da Vila Palmeira seria o aluguel social, Fatima declara que neste momento a Prefeitura ainda não tem essa resposta, justamente porque é preciso esperar o aceno de Brasília. A prefeita explica que o Município explicará a situação aos moradores e levará esclarecimentos às pessoas que estão abrigadas.

Apelo a Brasília e também aos órgãos internacionais

Segundo a chefe do Executivo, assim que for possível viajar, ela irá a Brasília apresentar a situação de Novo Hamburgo, a fim de captar recursos o quanto antes. Além disso, já articula com a Fundação Konrad Adenauer (KAS), entidade política alemã, da qual é integrante, a possibilidade de receber recursos internacionais. Em relação a isso, Fatima tem otimismo pois o dique foi construído por meio de convênio entre os governos brasileiro e alemão na década de 1970. A prefeita também fala em buscar apoio de entidades de outros países.

Estrutura robusta para defesa

Sobre o dique, o engenheiro e diretor de Esgotos Pluviais, Ricardo Al-Alam, informa que a barreira, em Novo Hamburgo, tem 2,5 quilômetros de extensão e 9,5 metros de altura. Foi construída na década de 1970, com base na maior inundação até registrada, de 1941, quando a cota máxima do Rio dos Sinos foi de 8,5 metros. Desta vez, o nível chegou a 9,73 metros. A proteção é feita com argila, material impermeável, e que precisará ser reavaliada assim que água baixar.

O dique começa na altura da Rua Otawa, em Novo Hamburgo, ponto onde houve o extravasamento na sexta-feira à tarde, e vai até São Leopoldo, somando 21 quilômetros de extensão.

DÁRIO GONÇALVES/GES-ESPECIAL



Paulo Roberto de Souza procura seu carro nas águas do Sinos

Trilhos viram mirante para quem perdeu seus bens

A Trensurb precisou interromper suas atividades ainda na sexta-feira (3). Sem os trens, estações viraram abrigos e os trilhos tornaram-se a única rota transitável, a pé, de Novo Hamburgo a São Leopoldo, dos bairros Santo Afonso a Santos Dumont. Por isso, muitas pessoas usaram a estrutura para poderem ver a dimensão da enchente histórica que atinge a região.

Carregando mochilas de roupas que receberam de doações, contaram com a solidariedade do casal Rafael Santos, 38, e Aline da Silva, 44. Os dois são moradores do bairro Santos Dumont, mas estão sob cuidados na Fenac. “Nós viemos aqui para tentar enxergar nossa casa, mas ainda está só o telhado para fora da água. E como estamos com a bicicleta, emprestamos para os rapazes carregarem as sacolas. Esse é o momento que todo mundo tem que se ajudar”, disse Santos.

A tristeza também acompanhava os passos daqueles que buscavam qualquer notícia sobre seus lares e pertences. Paulo Roberto de Souza, completou 63 anos na última sexta-feira (3), dia em que precisou sair de casa e se abrigar com uma filha. No dia seguinte, foi aniversário da neta, e no domingo (5), do filho. Três dias que deveriam ser de comemorações, mas que precisaram ser apenas de resistência.

O idoso levou seu carro para a Avenida Mauá e deixou sob os trilhos da Trensurb. “Agora eu estou aqui em cima tentando encontrar meu carro lá embaixo. Sei que não há nada que possa ser feito, mas queremos ver. Pra piorar, ainda tinha tirado duas televisões de dentro de casa e um aparelho de som de R\$ 5 mil e deixado dentro do carro”, acrescenta.



Quadro específico da Vila Palmeira

A situação, segundo Fatima, é específica desta região do bairro Santo Afonso. O quadro não atinge moradores de outras áreas inundadas, como a Vila Marrocos e Vila Kroeff, também no bairro Santo Afonso, bairro Industrial e bairro Canudos. Essas regiões, segundo a Prefeitura, não correm o mesmo risco porque não integram a bacia do Arroio Gauchinho.



Acompanhe a situação em N. Hamburgo acessando abcmas.com/NH